

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A Escola e a Terceira Geração
6 de Julho de 2023

ALTA SACIEDADE / 1997

um filme de CARLOS ASSIS

Realização e Argumento: Carlos Assis / Direcção de Fotografia: Daniel Del Negro / Operador de Câmara: Rui Poças / Som: Quintino Bastos, Vasco Pedroso / Música Original: Tim / Decoração: Georges Le Calvé / Guarda-Roupa: Nadia Baggioli / Anotação: Margarida Cardoso / Montagem: Snezana Lalic / Interpretação: Alberto Magassela (Alberto), Ana Bustorff (Ana), João Vaz (vizinho) / Com as participações especiais de Tim e Zé Pedro (vizinhos).

Produção: Produções Off / Rosi Burguete, Plano Geral / Direcção de Produção: Rui Louro / Cópia: 35mm, cor, versão original falada em português / Duração: 12 minutos / Exibido no 5º Festival Curtas, Vila do Conde, 1997 / Primeira exibição na Cinemateca.

DUMA VEZ POR TODAS / 1986

um filme de JOAQUIM LEITÃO

Realização e Argumento: Joaquim Leitão / Direcção de Fotografia: Daniel Del Negro / Som: Pedro Caldas / Montagem: Leonor Guterres / Cenários e Figurinos: Nuno Carinhas / Interpretação: Pedro Ayres Magalhães (Luís), Vicky de Almeida (Ela), Filipe Ferrer (“o brasileiro”), Jasmim de Matos (John), Julian Maynard (“Big Head”), Victor Norte (Trancoso), Madalena Pinto Leite (uma amiga), Henrique Viena (o cliente).

Produção: Produções Off / Direcção de Produção: Rosi Burguete / Cópia: da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, cor, versão original falada em português e inglês / Duração: 100 minutos / Estreia em Portugal: Cinema Star, a 7 de Maio de 1987.

Duração total da projecção: 112 minutos.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos.

Duma Vez por Todas é a primeira longa-metragem realizada por Joaquim Leitão que, tendo sido terminada em 1986, surge na sequência de outras experiências de menor envergadura, como vários vídeos e um trabalho para televisão. Com estreia no ano seguinte, quase em simultâneo com outros dois filmes portugueses – **Repórter X**, de José Nascimento, e **Mon Cas**, de Manoel de Oliveira –, a crítica foi

unânime em saudar a vitalidade do cinema português, dada a quantidade de filmes nacionais que chegavam às salas num tão curto período. A esse propósito será importante referir que, tanto **Duma Vez por Todas**, como **Repórter X**, foram produzidos maioritariamente com o financiamento de um concurso reservado para as primeiras obras, criado poucos anos antes pelo Instituto Português de Cinema, que começava assim a garantir as condições favoráveis para o aparecimento de um cinema feito por novos autores.

Muito referida na altura foi também a originalidade de **Duma Vez por Todas** no contexto da cinematografia nacional, por enveredar por uma “nova via” que pretendia “reconciliar” o cinema português com público, e em particular com um público jovem. Esse era o desejo enunciado por Joaquim Leitão, que considerava que o filme tinha condições para atingir um grande número de espectadores, e cujas palavras encontravam eco na crítica quando realizador descrevia o filme como um sinal “*de que algo está a mudar com o aparecimento de cineastas que fazem filmes capazes de atrair um público jovem, que até aqui torcia o nariz à produção nacional que, mantendo as características culturais muito fortes e sui generis, não conseguia penetrar nos mercados europeus.*” Numa entrevista, Joaquim Leitão comentava ainda que o filme “*tentava ser simultaneamente europeu sem perder as características portuguesas*”. Mas a que era associada a “novidade” desta obra? Quais as suas características que faziam com que o filme fosse acolhido como modelo para um cinema “diferente”, distinto de grande parte do cinema que se fazia então em Portugal?

Em primeiro lugar, o tom de intriga policial e os modelos americanos aqui convocados. Os bares de Lisboa, os hotéis e os labirínticos corredores do metropolitano, palcos de tantos encontros fortuitos e de perseguições, enformam o ambiente de um filme que se pretende próximo do “thriller” hitchcockiano, e que reivindica outras referências, como o trabalho de cineastas como Brian De Palma ou de Martin Scorsese. Por outro lado, a tipologia das personagens envolvidas, e os cuidados que presidiram à escolha dos seus intérpretes, próximos de um público jovem. Este é o caso de Luís, interpretado por Pedro Ayres Magalhães, então um membro dos *Heróis do Mar*, ou de Vicky, conhecida modelo que tem aqui a sua primeira experiência no cinema, e que morrerá num desastre de automóvel pouco depois da conclusão das filmagens. Por último, a consistência do filme a nível técnico, que se deve a um excelente trabalho ao nível da direcção de actores, mas também ao trabalho de toda a equipa. Daniel del Negro, o director de fotografia, tem aqui um papel fundamental na construção da atmosfera de uma Lisboa nocturna, que prolongará para os filmes seguintes de Joaquim Leitão.

Como tão bem refere José Manuel Costa, numa destas *Folhas da Cinemateca*, escrita no final dos anos 80, texto em que insiste no “*contexto novo desta obra*” e na sua diferença “*face a tudo o que houve antes no nosso cinema*”, dois são os grandes temas de **Duma Vez por Todas**: o *voyeurismo* e o jogo. A sequência inicial, em que vemos Luís munido de binóculos a espiar a misteriosa vizinha que habita o prédio em frente, não pode deixar de nos convocar **Rear Window**, de Hitchcock, e todo um conjunto de filmes construídos em torno do *voyeurismo*, como **Peeping Tom**, de Michael Powell, ou **Body Double**, de Brian De Palma. E, como nos revelam ainda

os primeiros minutos deste filme, anunciando a complexidade de uma teia construída em torno de falsas aparências e de incertezas, Luís não é o “único homem que olha”, pois a misteriosa mulher por ele observada, é vigiada por dois outros homens, que acompanham de perto todos os seus movimentos. São muitos aqueles que olham, mas são apenas dois os “objectos” que se constituem como alvo desses vários olhares: essa belíssima mulher sem nome que, assumindo múltiplos disfarces (ora é loira ou é morena), se dedica à prostituição de luxo, e um dos seus clientes, um piloto que realiza transportes ilícitos (isto se excluirmos o próprio espectador), mas será precisamente Luís que reunirá todos esses olhares.

Todo o filme se organiza como um jogo, e um jogo perigoso, que terá graves consequências na realidade. As referências a esta vertente lúdica do filme sucedem-se: as múltiplas frases que convidam Luís a entrar no jogo – *Do you know how to play? / Tonight I'll play for you* –; as várias visitas aos salões de jogos, que nos fazem revisitar os anos 80, e que sugerem uma infantilização da personagem principal; o título que o filme assumirá na sua versão inglesa – *Play...boy* –, etc. Mas uma brincadeira que começa por enfado, depressa se transforma numa violenta realidade, sempre que a distância de segurança imposta pelo *voyeurismo* é ultrapassada, seja nas cenas em que Vicky comparece no hotel em que Luís trabalha, e que é socorrida por este, seja no derradeiro jogo em que a ficção se dobra sobre si própria, em que “o brasileiro” (Filipe Ferrer) simula violar Vicky, então disfarçada de mulher de presidente, iludindo assim Luís, que o atinge mortalmente. Momento em que a visão dá definitivamente lugar à proximidade e à acção, que, como num jogo, se parece perpetuar em mais um crime sem castigo. E é precisamente nesse momento, quando a câmara nos desloca novamente para a janela de Luís, agora vazia, que se revela um dos instantes mais esclarecedores do filme: a revelação da nossa condição voyeurista de espectadores, para quem tudo não é afinal mais que um jogo, o jogo imposto pela própria ficção.

A abrir a sessão uma curta-metragem de Carlos Assis, que, como **Duas Vez por Todas**, também foi produzido pelas Produções Off, de Rosi Burguete. Distam cerca de dez anos entre os dois filmes, pois **Alta Sacidade** foi realizado já em 1997, mas vistos em sequência percebemos a importância desta produtora nas novas gerações do cinema português que começaram a filmar nos anos oitenta e noventa e, no caso destes dois filmes, de uma determinada corrente do cinema português de que falava Joaquim Leitão a propósito de **Duma Vez por Todas**.

Alta Sacidade faz parte do chamado Plano Geral, lançado em 1996 pelas Produções Off de Rosi Burguete em co-produção com a RTP, de que também faz parte **O Apartamento**, que mostrámos na sessão inaugural deste Ciclo. Carlos Assis quando assina este seu único filme como realizador tinha já uma longa carreira em várias funções no cinema português: em **Duma Vez Por Todas** foi electricista, anotador em **Um Adeus Português** (1985) ou **Tempos Difíceis** (1988), assistente de imagem em **Uma Rapariga no Verão** (1986), e director de fotografia de vários filmes entre os quais a longa-metragem **Tentação** (1997), de Joaquim Leitão, realizado no mesmo ano de **Alta Sacidade**.

O retrato de uma determinada geração é óbvio quando em **Alta Sacidade** deparamos com as aparições e participações especiais de Tim (que compôs música original para o filme) e de Zé Pedro, dos Xutos e Pontapés, num filme protagonizado por dois actores ainda jovens que se impunham, Alberto Magassela e Ana Bustorff. Os dois formam um desavindo casal que habita e deambula por um farol, inusitado cenário notavelmente fotografado por Daniel Del Negro, que já assinava a fotografia de **Duma Vez por Todas**.

Joana Ascensão